

PINGA-FOGO

■ **ATÉ TU, PAULUS?** - A classe política do Rio ficou surpresa hoje com o acirramento de ânimos entre o deputado federal Pedro Paulo e o governador do estado do Rio, Cláudio Castro. Principalmente pelo histórico de amizade entre os dois. A rede social foi o ringue deste embate, no qual os dois perdem, principalmente por infestar o ambiente institucional com nuances de ingratidão e avanço de uma linha que não deve ser ultrapassada em nome da civilidade.

■ É precoce a abertura do debate da sucessão estadual que ocorrerá só em 2026. É um tapa na cara do eleitor de 2024, que votou em Eduardo Paes, o anúncio da sua candidatura ao governo antes mesmo da sua posse e até da diplomação como prefeito. Ninguém votou em Paes com a certeza de que ele deixará o mandato no meio, entregando o Palácio da Cidade a um vice de 29 anos.

■ Este debate precoce não é ético e nem respeita os 1,9 milhão de eleitores que elegeram Eduardo Paes no primeiro turno. O assunto foi colocado na mesa pelo mais próximo colaborador do Prefeito. Difícil acreditar que este balé de entrevistas ocorra sem estar combinado. O que o deputado quer com isso? Todo mundo sabe que ele possui uma profunda sintonia com Paes. Qual interesse de acirrar uma crise entre o estado e prefeitura da capital? O que ele deseja com isso?

■ Quem conhece os bastidores, sabe que Pedro Paulo teria bons motivos para ser grato ao governador Cláudio Castro, no plano pessoal. Na campanha de 2018, o fatídico vídeo íntimo surgiu. Em reunião no comitê da campanha, Pedro Paulo recebeu a promessa de que o caso seria abafado, que o vídeo não vazaria e que a Polícia Civil que tinha o material foi contida na tentativa de divulgar. O governador foi duro e não foi fraco a não ceder a pressão para promover um estrago eleitoral. Nesta campanha o assunto voltou à tona e Castro foi novamente ético e prometeu punir quem vazasse o material. Pesou ser um homem de família, de procurar uma política limpa, já que ele próprio sofreu acusações, por outros motivos, que afetaram sua vida pessoal.

■ Perde a política fluminense em ver dois jovens políticos entrando em conflito. Perde mais em ver um prefeito recém eleito, antes mesmo da diplomação e da posse, permitindo que o seu entorno já carimbe seu passaporte para o Guanabara e não deu um pio para contrapor.

■ O efeito colateral pode ser medido pelas reações dos presidentes partidários. Eduardo Paes fica isolado e a soberba de ser detentor único da vestal da moralidade. Uma arrogância que não

atrai aliados. Quem ganha com este embate e qual o seu objetivo? Uma coisa é certa: quem perde é Eduardo Paes, que antes da posse já rejeita a cadeira que tanto ama. Os deputados Quaquá e Lindbergh Farias ficam liberados para, junto com André Cecilia, buscarem um nome afinado à esquerda e mais ao centro para o trono que Paes quer sentar com tanta antecipação.

■ **SEM PRESSA** - A Defensora Pública-Geral do Estado do Rio, Patrícia Tavares, foi recebida nesta segunda (11), pelo governador Cláudio Castro quando entregou o resultado da eleição da última sexta. O governador foi cortês e ponderou que não tem pressa em escolher um dos dois nomes da lista. A prerrogativa da escolha já chegou cerceada, já que a lei fala em lista triplíce e só dois nomes foram apresentados. Existe também a hipótese de a lista ser devolvida para que retorne como triplíce. Ele pode usar o seu prazo de 15 dias para definir o nome.

■ Lamentável que algumas entidades ligadas ao candidato Paulo Vinicius Cozzolino Abraham já estejam se referindo a ele como novo Defensor Público Geral, usurpando um direito de escolha que só o governador possui.

■ **ALTA TENSÃO EM CABO FRIO** - A alta temporada, que começa dia 1º de janeiro, será tensa em Cabo Frio, o maior município da Região dos Lagos. Em reunião com o Convention Bureau, o prefeito eleito, dr. Serginho, disse que o processo de transição ainda não andou, mas as informações apontam para o caos financeiro na prefeitura. A dívida do município ultrapassa R\$ 1,3 bilhão e ele terá que fazer cortes robustos no quadro de funcionários, que chega ao número astronômico de 17 mil servidores.

■ Serginho disse que levará técnicos do Rio de sua confiança para tentar arrumar a casa. Os secretários, porém, serão de Cabo Frio. Além das dívidas e salários em atraso, ele tem outra preocupação. A atual prefeita, Magdala Furtado, aumentou o salário dos guardas municipais e reduziu a carga horária da tropa. Hoje, segundo ele, a cidade conta com apenas 16 guardas por turno de trabalho. Ele vai contratar PMs de folga, através do PROEIS, e terceirizados em regime de emergência para o verão.

■ O controle (ou descontrole) dos estacionamentos na Ilha do Japonês e nas praias das Conchas e do Peró é uma das grandes preocupações do trade turístico, assim como a invasão de ambulantes e ônibus de turismo nas praias, mas ainda não há planos para evitar os problemas. Serginho espera o primeiro encontro da sua equipe de transição com a prefeita Magdala.



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colnamagnavita

Com heliponto, Macaé D'Or vai atender casos de urgência das plataformas petrolíferas

Primeira unidade da Atlântica D'Or no Rio de Janeiro, o hospital terá Maternidade Perinatal

Fotos Divulgação



Na foto, o presidente da Bradesco Seguros, Ivan Gontijo; o vice-presidente do Conselho de Administração da Bradesco Seguros; o presidente do Conselho de Administração da Rede D'Or, Jorge Moll; o CEO da Rede D'Or, Paulo Moll; e o prefeito de Macaé, Welberth Rezende



Jorge Moll, presidente do Conselho de Administração da Rede D'Or; José Mauro, diretor regional da Rede D'Or; Eduardo Zukeran, diretor médico do Macaé D'Or; Edson Zukeran, diretor geral do Macaé D'Or; Rodrigo Gavina, CEO de Hospitais da Rede D'Or e Roberto Albanese, vice-presidente da Rede D'Or de Operações Hospitalares



Ivan Gontijo, presidente da Bradesco Seguros, Jorge Moll; presidente do Conselho de Administração da Rede D'Or; Samuel Monteiro, vice-presidente do Conselho de Administração da Bradesco Seguros; Manoel Antônio Peres, membro do Conselho de Administração da Bradesco Saúde e Carlos Marinelli diretor-presidente da Bradesco Saúde



José Mauro, diretor regional da Rede D'Or; Klaus Guimarães, diretor da Região Metropolitana da Rede D'Or, Fernando Bernardes Ferreira, diretor Nacional de Serviço de Apoio Diagnóstico Terapêutico da Rede D'Or e Ricardo Reis, diretor geral do Quinta D'Or



Jorge Moll, presidente do Conselho de Administração da Rede D'Or; Rodrigo Bacellar, executivo da Atlântica Participações; Samuel Monteiro, vice-presidente do Conselho de Administração da Bradesco Seguros e Alexandre Nogueira, diretor de Marketing da Bradesco Seguros



Valter Maluly, diretor técnico do Niterói D'Or; Klaus Guimarães, diretor da Região Metropolitana da Rede D'Or; Bruno Queiroz, diretor geral do Niterói D'Or; Marcela Cunha, diretora Comercial Corporativo da Rede D'Or; Ricardo Reis, diretor geral do Quinta D'Or, Rachel Matos, gerente médica do Niterói D'Or e Luiz Abelardo, diretor médico do Niterói D'Or

O Hospital Macaé D'Or, unidade da Atlântica D'Or – parceria entre a Rede D'Or e a Atlântica Hospitais e Participações, empresa controlada pela Bradesco Seguros e parte do Grupo Bradesco Seguros – abre suas portas para atendimento à população a partir de 18 de novembro. Terceira unidade fruto da parceria e a primeira no Rio de Janeiro, o hospital é resultado de um investimento de R\$ 300 milhões.

Na última sexta-feira (08), as direções da Rede D'Or e da Bradesco Seguros, bem como o prefeito Welberth Rezende, estiveram presentes em evento realizado para apresentar as instalações do hospital à sociedade macaense. O Macaé D'Or será o primeiro da região a contar com um heliponto. A estrutura tornará mais célere o atendimento em casos de urgência vindos das plataformas petrolíferas. Atualmente os pacientes precisam ser encaminhados para hospitais em Niterói ou Rio de Janeiro. “Temos a certeza de que o hospital será um marco na saúde de Macaé. Com o heliponto, por exemplo, responderemos a uma demanda importante da região, que é o atendimento vindos das plataformas de petróleo”, afirmou o presidente do Conselho de Administração da Rede D'Or, Jorge Moll. A expectativa é de que o hospital gere aproximadamente 1,5 mil empregos diretos e até 3 mil indiretos.

As palavras de Jorge Moll são corroboradas pelo presidente da Bradesco Seguros, Ivan Gontijo. Ele avaliou que um polo industrial tão importante para a econômica do país precisava dispor de um hospital como o Macaé D'Or, que vai oferecer uma estrutura completa, com capacidade para realizar cirurgias de alta complexidade. “Juntos criamos uma rede que tem o nobre propósito de levar medicina de qualidade a uma parcela da população que vem crescendo. Que venham novos empreendimentos no estado do Rio frutos dessa parceria”, celebra.

Construída em mais de 20 mil metros quadrados, a unidade terá 143 leitos, mas inicialmente vai operar com 80 leitos, sendo os demais ativados de forma gradativa. Também contará com aparelhos de ultrassonografia, tomografia e ressonância magnética, entre outros exames de imagem. O Macaé D'Or terá capacidade para realizar cerca de 8 mil exames por mês. O hospital será o primeiro fora da região Metropolitana do Rio a ter uma Maternidade Perinatal.

O Macaé D'Or também terá compromisso de investir em práticas sustentáveis. Ações se iniciaram durante a fase de construção do hospital. O diretor geral, Edson Zukeran, relata, por exemplo, que toda a iluminação interna foi projetada em LED, que consome 35% menos energia que as lâmpadas fluorescentes eficientes. Já o sistema de climatização foi projetado com gás refrigerante de baixo impacto, que não prejudica a camada de ozônio; e o sistema de captação de águas da chuva oferecerá a eficiência na utilização desse bem, para a limpeza de áreas externas e fachadas.

Fernando Molica

Assassinato mostra: Medellín dos anos 1980 é aqui

A execução do delator do PCC Antonio Gritzbach em Garulhos reforça: 1. Estamos perto de virar a Medellín dos anos 1980; 2. não existe crime organizado sem participação de agentes do Estado.

Assassinar alguém no principal aeroporto do país revela força, organização, ousadia e uma certeza quase absoluta de impunidade. Um grau de sofisticação criminoso que mostra o quanto a lógica do bandido bom-bandido morto serve apenas para enganar a população.

É muito fácil despachar dezenas ou centenas de policiais para uma favela, mandar tiros para todos os lados, empilhar cadáveres, dizer que não há mais trégua para

a bandidagem, alardear que foram mortos uns tantos supostos chefes do tráfico.

Testemunhamos essas práticas e ouvimos esses discursos há décadas, muita gente foi e será eleita usando variações dessas palavras. Nesse mesmo período, nada melhorou. Organizações criminosas se espalharam pelo país, algumas tornaram-se imensas, têm conexões internacionais.

O que ocorreu na Colômbia e o que existe, hoje, no México são exemplos de como o tráfico cresce, principalmente, por dentro do Estado. Pablo Escobar (1949-1993), o mais célebre dos narcotraficantes, chegou a ocupar uma cadeira no congresso colombiano.

O país chegou a ser alvo de uma, na prática, intervenção norte-americana; foi palco de uma guerra às drogas que falhou, como reconheceu o atual presidente, Gustavo Petro.

A repressão baseada em muita força e pouca inteligência interessa apenas aos que lucram com as indústrias da droga e da guerra. Rendem muitas cenas espetaculares, muito banguê-banguê, geram pouquíssimos resultados práticos e muito lucro para fornecedores de armas, traficantes e seus cúmplices.

Não se pode achar que o grande inimigo é o bandido pé de chinelo que mora em favela. Ele sequer deveria ser chamado de traficante, costuma um (muitas

vezes, cruel) camelo de substâncias ilegais.

As constantes e não proibidas ações da PM em favelas cariocas sequer arranham a venda de drogas e a posse de armas nesses locais. Responsáveis por 84 mortes — a última, de um menino de quatro anos — as operações na Baixada Santista (SP) têm resultados semelhantes às que se tornaram rotina no Rio.

Protegidas pela sombra do escudo das grandes incursões policiais, o PCC e o Comando Vermelho prosperam e servem de inspiração para dezenas de falanges menores que atuam em diferentes partes do Brasil.

O governador de São Paulo,

Tarcísio de Freitas (Republicanos), sabe que o poder político-institucional da organização criminosa criada em consequência do Massacre do Carandiru vai muito além de supostos bilhetes indicando votos nesse ou naquele candidato.

A segurança de Gritzbach era formada por PMs, que atuavam de força ilegal. Em delações premiadas, ele contara de policiais civis parceiros de organizações criminosas. É impossível que o Estado não tenha identificado a maior parte deles.

Ao tratarem a segurança pública com o viés político-partidário, governadores abrem caminho para a corrupção e para

a consolidação e expansão de esquemas muitas vezes protegidos por políticos.

O caso Gritzbach ressalta a necessidade de uma política nacional de segurança. Não que a proposta de emenda constitucional feita pelo governo tenha que ser aprovada como está, mas governadores não podem abrir mão de discuti-la — a menos que não tenham interesse em mudar nada.

Não vale também proferir bravatas como a do governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), que descartou a possibilidade de colocar câmeras em policiais de seu estado. A posição indica apenas temor sobre o que a imagens poderão mostrar.